

FLiP 2014

FELIPE HANOWER

Charles Ferguson, uma pedra no sapato dos EUA

Após abordar o Iraque e a crise financeira, diretor se debruça sobre política energética

ANDRÉ MIRANDA
De Paraty
andre.miranda@oglobo.com.br

São temas distintos, mas, no cinema de Charles Ferguson, complementares: o diretor americano, um dos principais nomes do documentário investigativo e combativo, primeiro tratou da ocupação americana no Iraque em “Sem fim à vista” (2007); depois abordou a crise e a corrupção de instituições financeiras dos Estados Unidos em “Trabalho interno” (2010); e agora prepara um filme sobre políticas energéticas, inclusive com imagens e entrevistas feitas no Brasil. Em todos, ele confronta o poder, certamente um assunto que estará em debate amanhã, às 10h, na mesa de que fará parte na Flip 2014.

Antes de se aventurar pelo cinema, Ferguson foi um típico empreendedor digital de sucesso. Nos anos 1990, ele foi o responsável pelo desenvolvimento do FrontPage, um dos primeiros softwares para criação de páginas de internet, bastante popular na época. O sucesso do negócio levou a Microsoft a comprar a empresa de Ferguson, a Vermeer, por US\$ 133 milhões — o que lhe deu a segurança financeira para se dedicar aos filmes.

O primeiro, “Sem fim à vista”, foi indicado ao Oscar de melhor documentário em 2008, mas perdeu a estatueta para “Um táxi para a escuridão”, de Alex Gibney. Já o segundo, “Trabalho interno”, não teve concorrentes à altura: o filme ganhou o Oscar e até hoje é lembrado como a principal referência cinematográfica para quem quer entender a crise financeira americana. O documentário também deu origem ao livro “O sequestro da América: como as corporações financeiras corromperam os Estados Unidos” (lançado no Brasil pela editora Zahar), de autoria do próprio Ferguson.

OBAMA DECEPCIONANTE

Passados quatro anos do lançamento de “Trabalho interno”, o diretor vê com pessimismo o rumo da economia americana. Segundo ele, Barack Obama, um presidente em quem muito se

depositou esperança de mudanças, vem decepcionando:

— Obama não fez muitas das coisas que prometeu. Ele tem sido muito convencional e não assume riscos para mudar os problemas do sistema financeiro que ele antes criticava — diz Ferguson. — Temo que a lembrança da crise de 2008 se esvaia e, em dez ou 15 anos, tenhamos outra crise semelhante. As pessoas estão mais cuidadosas hoje, mas acredito que muito daquela corrupção ainda aconteça.

Questionamentos do tipo, sobre atividades privadas e públicas, estarão presentes em “Our energy future”, o título provisório do novo documentário de Ferguson, previsto para o segundo semestre do ano que vem. O diretor tem rodado o mundo para tentar projetar as consequências da exploração energética. E é o documentário que, ainda em 2014, o trará de volta ao Brasil.

— A ideia do filme é observar os benefícios da energia, mas também seu custo. É preciso debater sobre como fazemos para obter energia atualmente, e temos que achar formas mais interessantes de fazê-lo. — diz o diretor. — No Brasil, a ideia é filmar questões relacionadas ao sistema energético do país e algumas contradições. Por exemplo, vamos tratar de desmatamento, biocombustível e usinas hidrelétricas. Mas não posso falar muito mais do que isso.

ESPIONAGEM MAL DIRECIONADA

A mesa do diretor na Flip amanhã se chama “Liberdade liberdade” e terá ainda o jornalista americano Glenn Greenwald, autor das reportagens que denunciaram a espionagem do governo dos EUA ao redor do mundo. Esse interesse em controlar informações também respingou em Ferguson quando ele preparava um documentário para a rede CNN sobre a ex-primeira-dama, ex-senadora e ex-secretária de Estado Hillary Clinton. No fim de 2012, o cineasta procurou assessores de Hillary para conversar sobre o projeto e pedir uma entrevista. Também foi atrás de outros políticos, tanto democratas quanto republicanos, para conversar sobre a trajetória de sua personagem.

O documentário, porém, foi interrompido quando Ferguson se deu



De olho. Ferguson quer falar de desmatamento e hidrelétricas no Brasil no novo filme

“Se os EUA tivessem espionado os executivos na crise, é provável que tivéssemos hoje provas para prendê-los”

Charles Ferguson
Documentarista

conta de que ninguém, nem Hillary nem membros de seu partido e nem mesmo opositores, iria querer falar. O diretor pretende retomar a ideia mais adiante, depois das eleições de 2016, nas quais Hillary é um nome forte do Partido Democrata para concorrer à Presidência.

— O governo americano é muito obcecado em controlar a mídia, e acho que eles perceberam que não teriam como controlar meu trabalho. Sabiam que eu seria um pouco duro em relação a alguns assuntos — conta Ferguson. — Pensando no trabalho de Greenwald, é curioso, porque, se as autoridades federais dos EUA tivessem espionado os executivos financeiros da mesma maneira que fizeram com muitas outras pessoas em nome de seu combate ao terrorismo, é provável que tivéssemos hoje provas para prendê-los. Eu me pergunto por que essas ferramentas de espionagem não foram utilizadas nesse caso, que talvez tenha sido mais devastador para a América do que qualquer outro. ●

Paraty verá performance contra o machismo

Grupo quer chamar a atenção de intelectuais para a opressão sexual

Mostrar que a opressão do machismo também prejudica os homens é o principal objetivo da campanha “Homens libertem-se/Men get free”, lançada no último mês de junho, e que prepara sua primeira grande performance para amanhã, às 13h, na Praça da Matriz, em Paraty, em meio à programação da Flip. Criado pela atriz e cantora Maíra Lana, o grupo é uma parceria entre o coletivo brasileiro mo[vi]mento-MG/RJ e o The Living Theatre, famoso grupo de teatro experimental de Nova York.

— A Flip é um evento artístico muito importante, e a nossa proposta é questionar a realidade por meio da arte. Então quisemos fazer em Paraty porque vimos uma oportunidade de troca de ideias com todos os intelectuais, pensadores e artistas que circulam pela cidade durante a festa. Queremos chamar as pessoas para a reflexão sobre a opressão sexual e queremos ouvir o que todos têm a dizer — conta Maíra.

AMPLIAR A ÁREA DE ATUAÇÃO

A ideia para o “Homens libertem-se” surgiu em maio de 2013 e, desde então, foram organizadas pequenas performances em diferentes locais do Brasil, como Salvador, Rio de Janeiro, São João Del Rey, Curitiba, Natal e Belo Horizonte. Entre as iniciativas, por exemplo, estão o “Vista essa saia” e o “Saia de bicicleta”, incentivando os homens a vestirem-se com saias para quebrar os estereótipos.

Em Paraty, a performance será um pouco mais teatral, com uma encenação envolvendo bandeiras de vários países “em alusão à não identidade, para mostrar que somos todos iguais”, explica Maíra. Segundo a atriz, o grupo agora segue em busca de apoio para ampliar sua área de atuação e conseguir trazer os parceiros do The Living Theatre para as performances no Brasil. (Thais Britto, de Paraty) ●

Alemanha, fantasma também para a literatura brasileira em 2014

Um ano depois de ser destaque em Frankfurt, Brasil some da grande feira

MAURÍCIO MEIRELES
De Paraty
mauricio.meireles@oglobo.com.br

Depois do aquecimento, o esfriamento. Quase um ano depois de o Brasil ter sido o convidado de honra da Feira de Frankfurt, maior salão de negócios do mercado do livro mundial, o desafio agora é impedir a retração do interesse do mercado livreiro internacional pela nossa literatura. Se por um lado sempre há um esfriamento natural depois da feira, passado um ano, o cenário é agravado pela crise econômica europeia, a diminuição do orçamento do Ministério da Cultura — com reflexos no programa de bolsas de tradução da Biblioteca Nacional — e os tempos nada pujantes da economia brasileira.

Há até quem diga que a derrota da seleção para a Alemanha na Copa do Mundo atrapaça a imagem otimista que os estrangeiros tinham do país, o que pode ter efeitos na exportação dos autores nacio-

nais. O risco de não haver qualquer autor brasileiro participando da feira alemã deste ano, em outubro, é alto.

A difusão da nossa literatura lá fora é um tema que circula na programação paralela da Flip em curso. Acabou na última terça-feira um workshop para tradutores brasileiros e de língua inglesa em início de carreira, fruto de parceria entre a Biblioteca Nacional, o British Council e a UFF. E acontece hoje, às 16h, na Casa da Cultura, como parte da FlipMais, uma mesa que reúne as agentes literárias brasileiras Lucia Riff e Marianna Teixeira Soares, e a alemã Nicole Witt.

— Acho que (a difusão da literatura brasileira lá fora) certamente melhorou, até porque antigamente não se vendia nada. Mas continua um trabalho difícil, embora desafiador — afirma Lucia Riff. — As bolsas de tradução da Biblioteca Nacional fizeram diferença, mas demos um certo azar de a homenagem em Frankfurt vir no meio da crise econômica mundial. Podia estar muito melhor se não fosse isso. Encontramos editores sensacionais, mas que publicam muito pouco, que compram um livro.

Com o programa de traduções da Biblioteca Nacional, é possível mensurar a diminuição relativa



Agentes. Lúcia, Nicole e Marianna discutem o desafio de difundir a literatura brasileira no exterior em mesa da Flip

do interesse de editoras estrangeiras pelo Brasil. Em 2011, a BN concedeu 37 bolsas, número que, em 2012, saltou para 141 e, ano passado, para 210. Este ano, porém, o programa concedeu 68 bolsas até agora. Mesmo que a expectativa da instituição de dobrar esse número até o fim do ano se confirme, e ele chegue a 136 bolsas, haverá uma diminuição de 35% em relação a 2012.

— O grande ímpeto à literatura do país homenageado se dá

no período de 24 a 18 meses antes de Frankfurt. Há uma certa retração do interesse (pelo Brasil). A literatura se beneficiou de um momento especial da conjuntura econômica. Neste momento, não estamos projetando uma imagem tão interessante, com a economia entrando em crise e um desempenho nada encantador no futebol, para dizer o mínimo — afirma a agente literária Luciana Villas-Bôas. — A crise econômica europeia não

nos ajuda em nada. Nenhum editor europeu está podendo arriscar em textos que exigem grande investimento em termos de explicação do que se trata para o leitor. Nossos autores ainda são bastante desconhecidos do público internacional.

Além da diminuição normal de bolsas concedidas — afinal, antes de Frankfurt há grande atenção da mídia local e dos editores pela literatura do país homenageado —, o programa da BN teve

um corte de 30% em seu orçamento.

— Apesar do corte, ainda estamos batalhando para que nosso orçamento chegue ao mesmo patamar do ano passado — afirma Moema Salgado, coordenadora do Centro Internacional do Livro da BN. — Frankfurt foi o impulso. Agora temos que trabalhar para manter o movimento, inclusive com a participação em outras feiras. Porque, se não houver essa presença, o interesse pelos nossos livros vai diminuir.

PAULO COELHO GANHA COMPANHIA

A vice-presidente da Feira de Frankfurt, Marifé Boix-García, que está em Paraty, afirma que metade dos títulos publicados na Alemanha era de Paulo Coelho — e que, depois da homenagem ao Brasil, a variedade aumentou. Mas ela está preocupada com a continuidade do trabalho feito pelo país na feira. — Já soube por fontes oficiais que, este ano, não vão autores brasileiros a Frankfurt. Não era preciso que fossem 80, como em 2013, mas dez já estaria bom. Sei que é um ano atípico para o país, com Copa e eleições, mas é preciso marcar presença de algum modo — afirma Marifé, destacando que pelo menos algumas editoras nacionais terão estandes pela primeira vez na feira. ●